

VOLEIBOL



O SISTEMA DE JOGO

Por LUÍS PAULO RODRIGUES

O autor apresenta-nos neste seu trabalho algumas reflexões sobre o sistema de jogo no voleibol, modalidade que tem sofrido nos últimos tempos acentuado desenvolvimento técnico-táctico.

«Uma vez constituídas, a organização e a sua ordem própria são capazes de resistir a um grande número de desordens.»

E. Morin

1. INTRODUÇÃO

A evolução da teoria geral dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC) tem permitido nos últimos tempos a interpenetração mais rápida de conhecimentos e experiências entre os vários desportos, de tal forma que as inovações surgidas numa modalidade rapidamente são assimiladas e integradas em todas as outras. Esta utilização recíproca de conhecimentos só é possível graças à uniformização terminológica e de análise dos processos tácticos, que permite aos técnicos integrar toda a informação proveniente de

adaptações oriundas de outras modalidades num processo comum de análise dos JDC, e a partir daí adaptá-las às formas, métodos e processos específicos da sua modalidade.

Nesta perspectiva se encontra a importância da definição e caracterização do sistema de jogo, já que este «representa a forma geral de organização, a estrutura das acções dos jogadores no ataque e na defesa, estabelecendo missões precisas e princípios de circulação e de colaboração no seio de um dispositivo previamente estabelecido» (Teodorescu, 1984).

O sistema de jogo utilizado por uma equipa de voleibol é subdividido em três

categorias de organização colectiva em jogo:

1. A composição da equipa.
2. A organização táctica defensiva (sistema de defesa).
3. A organização táctica ofensiva (sistema de ataque).

1. A COMPOSIÇÃO DA EQUIPA

Diz respeito à utilização de jogadores cumprindo missões específicas dentro da equipa. No voleibol (pese embora o carácter mais universal que detém face a outros JDC) podemos distinguir três tipos de funções específicas a atribuir aos jogadores:

REMATADOR — jogador predominantemente atacante, normalmente muito alto e cuja função específica na equipa é a finalização.

PASSADOR — jogador especializado no passe de ataque e que assegura a distribuição de jogo.

UNIVERSAL — jogador com boa prestação competitiva em todas as funções de campo, sem especialização definida. Tanto se ocupa da distribuição como da finalização durante o jogo.

A composição da equipa pode então ser organizada de diferentes formas segundo as várias combinações possíveis dos elementos em jogo. A denominação dessas formas é encontrada substituindo na fórmula R:U:P (rematadores: universais: passadores) as letras pelo número de jogadores utilizados nas diferentes funções.

Teremos então como composições de equipa mais utilizadas:

U	U	U
U	U	U

0:6:0 — 6 jogadores universais cumprindo as respectivas tarefas de jogo segundo a posição adoptada pela rotação (utilizada normalmente na iniciação).

R	P	R
R	P	R

4:0:2 — 4 rematadores e dois passadores jogando cruzados (situados em oposição).

U	R	R
R	R	P

4:1:1 — 4 rematadores, 1 universal e 1 passador, jogando estes dois últimos cruzados.

R	R	R
R	R	P

5:0:1 — 5 rematadores e 1 passador. Esta composição é utilizada unicamente com penetração.

Todas estas opções diferentes de composições de equipa vão depender sempre dos jogadores que a constituem (do seu nível técnico-tático, da sua envergadura, da sua prestação, etc.) e da opção tática do treinador relativamente aos sistemas defensivos e ofensivos a utilizar.

2. A ORGANIZAÇÃO TÁTICA DEFENSIVA

A definição do sistema de defesa de uma equipa engloba o tipo de organização utilizado em dois momentos de jogo diferentes, a recepção ao serviço adversário e a defesa ao ataque adversário.

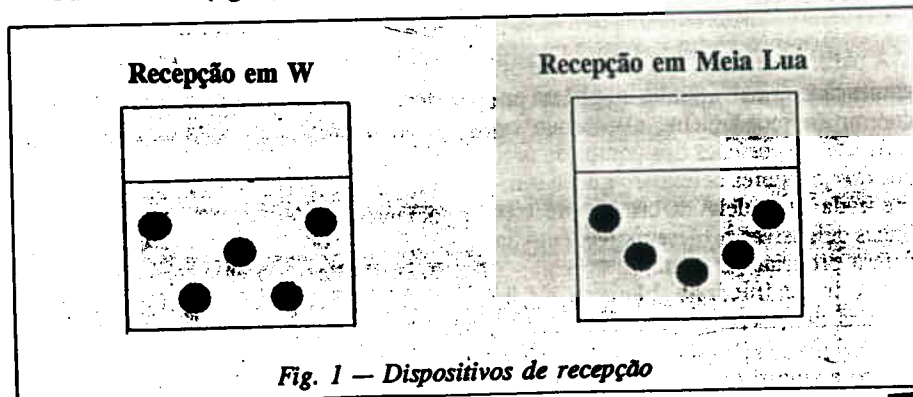


2.1 RECEPÇÃO AO SERVIÇO ADVERSÁRIO

Podemos distinguir basicamente três tipos de organização:

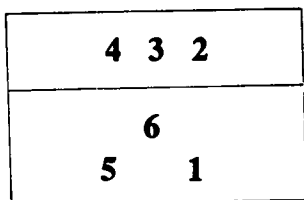
- **Recepção com todos os jogadores livres** (exceptuando o(s) envolvidos na distribuição). Normalmente utilizada na iniciação/formação e da qual se destacam como formas mais utilizadas a recepção em W e em MEIA LUA (fig. 1)

- **Recepção com libertação dos atacantes**, em que não participam os jogadores pertencentes à zona de ataque (nem o passador), de forma a ficarem libertos para a imediata realização das acções de finalização.
- **Recepção com jogadores prioritários**, em que são utilizados sempre os mesmos dois ou três jogadores em todas as recepções (recepçionadores prioritários).



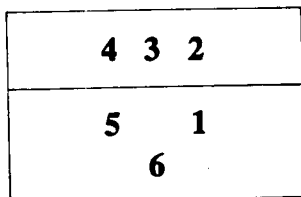
2.2 DEFESA AO ATAQUE ADVERSÁRIO

Neste compartimento de jogo podemos diferenciar três tipos básicos de organização, cuja denominação se prende com as posições relativas assumidas no campo pelos jogadores aquando da ocupação do dispositivo de defesa (pontos de partida ou posições de espera). Assim teremos:



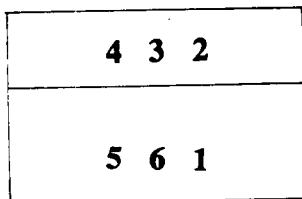
3-1-2

(ou seis avançado) em que o ponto de partida do defesa central (zona 6) se encontra mais perto da linha central do que os dos defesas laterais.



3-2-1

(ou seis recuado) em que os pontos de partida dos defesas laterais (zonas 1 e 5) se encontram mais perto da linha central do que o do defesa central.



3-0-3

em que os pontos de partida de todos os defesas se encontram à mesma distância da linha central.

A partir destes três tipos básicos de organização várias variantes se podem encontrar (nomeadamente avançando ou recuando as posições dos pontos de partida dos jogadores defesas), visando sempre cada uma delas a criação de três linhas defensivas no desenvolvimento da defesa propriamente dita:

- A defesa imediata, bloco ou 1.ª linha defensiva;
- A defesa próxima, protecção ao bloco e amorti ou 2.ª linha defensiva;

- A defesa afastada, defesa do remate e ressalto longo do bloco ou 3.ª linha defensiva.

tervenientes na acção de finalização, assegurando o equilíbrio defensivo em caso de sucesso do bloco adversário. No

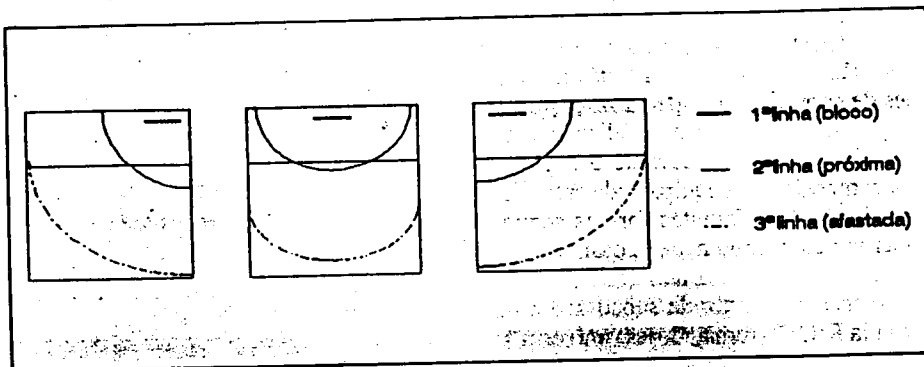


Fig. 2 — Linhas de defesa

3. A ORGANIZAÇÃO TÁCTICA OFENSIVA

3.1 TIPO DE DISTRIBUIÇÃO

Fundamentalmente, ao nível do ataque, podemos distinguir sistemas ofensivos com dois ou três pontos de ataque, dependendo da opção de tipo de distribuição.

Nos sistemas ofensivos com dois pontos de ataque, estes podem ser nas zonas 2 e 4 (passador ao meio) ou nas zonas 3 e 4 (passador à ponta).

A utilização de três pontos de ataque (zonas 2, 3 e 4) implica que o passe de ataque seja efectuado por um dos jogadores da zona de defesa que se desloca momentaneamente à zona de ataque (penetração).

entanto, realizar o apoio com todos os jogadores nem sempre é possível devido sobretudo à solicitação simultânea de vários atacantes (combinações de ataque rápidas), daí a importância deste ponto na estratégia ofensiva adoptada.

O apoio ao próprio ataque deve ser sempre constituído por duas linhas de apoio: o apoio próximo e o apoio afastado.

Normalmente na organização do sistema ofensivo privilegia-se o apoio próximo, devido à maior possibilidade de ressalto de bola do bloco para a zona próxima do ataque.

4. CONCLUSÃO

A definição correcta do sistema de jogo no Voleibol (ou noutro JDC) passa pela caracterização das opções tácticas

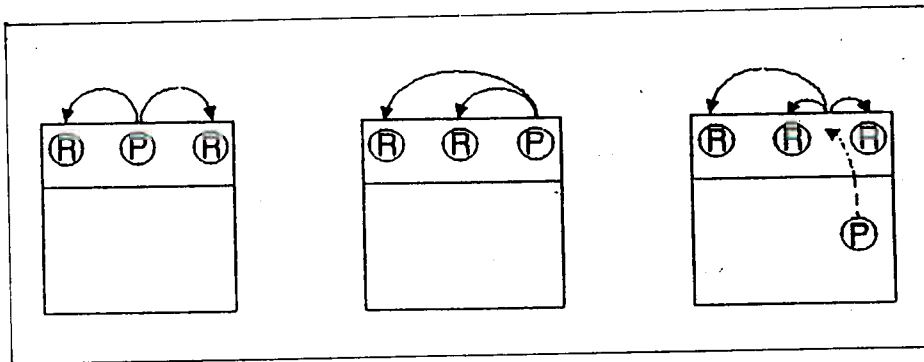


Fig. 3 — Tipos (zonas) de distribuição

Actualmente, ao nível da alta competição, utiliza-se ainda um quarto ponto de ataque, executado por um jogador da área defensiva.

3.2 APOIO AO PRÓPRIO ATAQUE

O apoio ao próprio ataque deve ser assegurado por todos os jogadores não in-

adoptadas por essa equipa no ataque e na defesa, pressupondo a colocação de jogadores no terreno de jogo (dispositivos de ataque e defesa) e a existência de regras de coordenação das acções nas diversas fases de jogo (fig. 4).

A compreensão destes princípios deve ajudar os técnicos, não só na elaboração da sua concepção de jogo, mas também

(pela uniformização terminológica que comporta) na troca de experiências e conhecimentos mútuos. □

Luis Paulo Rodrigues
Licenciado em Ed. Física
Treinador de Voleibol

5. BIBLIOGRAFIA

BEAL, D. — Basic team systems and tactics, in «The Sports Group Inc., USA Gold Medal Volleyball Coaches Clinic, USA, 1989.
SELINGER, A. — Power volleyball (1.ª Ed.), New York, St. Martin's Press, 1986.

TEODORESCU, L. — Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos, Horizonte da Cultura Física (1.ª Ed.), Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
VARGAS, R. — La táctica del voleibol en competición, Madrid, 1976.

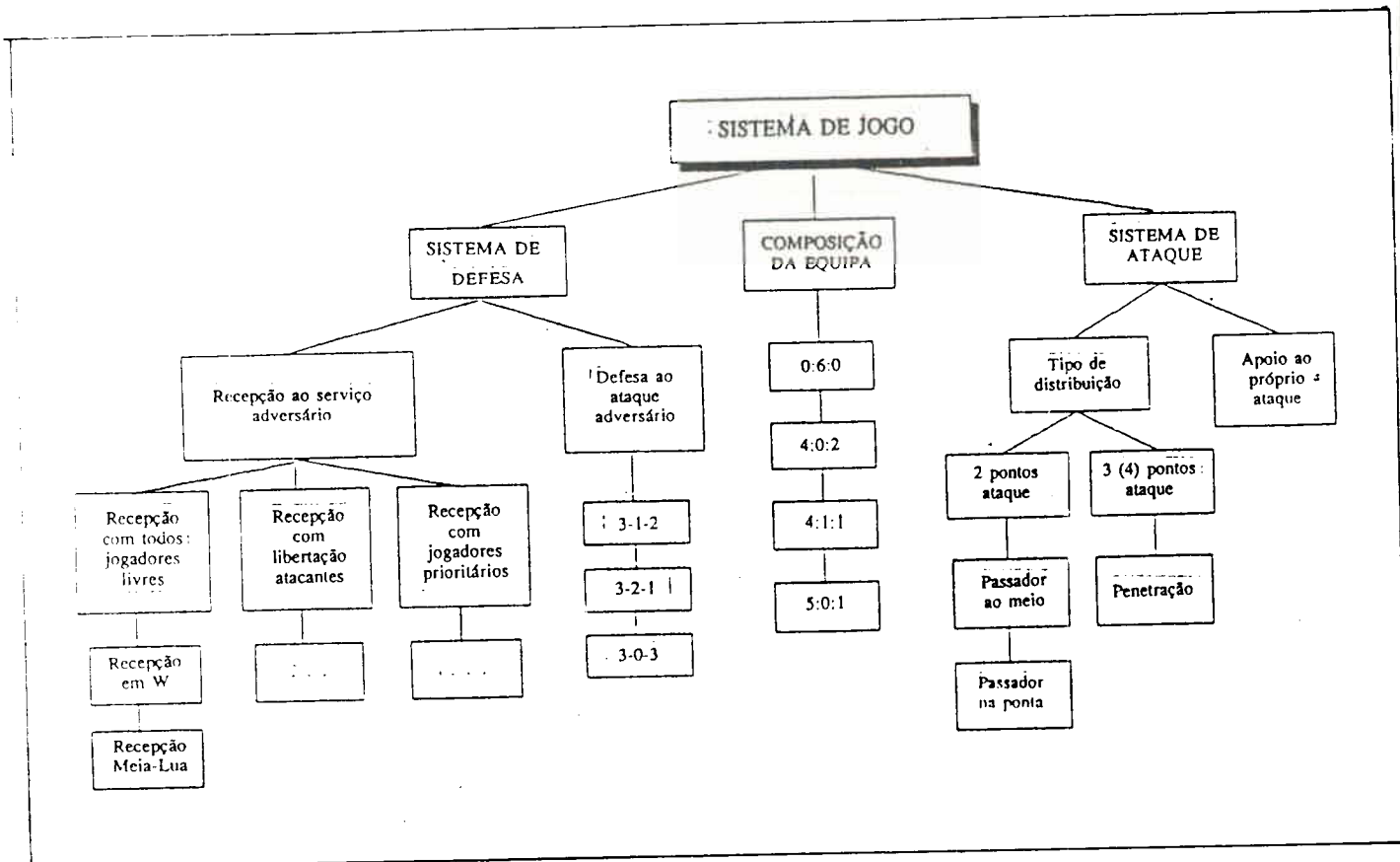


Fig. 4 — Estrutura do sistema de jogo

